

Ávida: a vida como ela é...

FLÁVIA BERNARDI

Li certa vez que Nelson Rodrigues, escritor que revolucionou o teatro brasileiro, havia deixado uma herança capaz de transmitir fielmente o funcionamento do inconsciente freudiano. De certa forma, parece mesmo que sim: ao lermos as incontáveis páginas dos dois volumes de **A vida como ela é...**, temos a sensação que essa transmissão realmente ocorre, produzindo afetos e efeitos em quem se arrisca a mergulhar no universo rodriguiano.

A vida como ela é... compila as colunas escritas para o jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, de 1951 a 1961, apresentando tragédias e dramas, investigando os desejos mais profundos e proibidos, quase como numa ausência da atuação do recálque: os personagens buscam saídas cruas, sem muita elaboração ou censura... um trânsito quase livre entre o inconsciente e a ação. Arnaldo Jabor disse algo interessante: "Nelson Rodrigues flagrou verdades imortais que estavam ali, no meio da rua, na nossa cara, e que ninguém via". De fato, Nelson parece mesmo freudiano, já que vem nos falar sobre uma espécie de "lado B" do desejo (que talvez seja sua única e autêntica face!); um "lado B" que, lá em 1900, quando Freud atende suas primeiras pacientes, ele também parece escutar e descrever em relatos sobre a "vida como ela é": esse lado desejante, ávido, que ordena ou desordena a vida, de forma anômala e singular.

Em cem contos, com títulos

provocativos e instigantes ("Ódio de cunhada", "Anemia perniciosa", "Noiva da morte", "O decote", "Justo pelo pecador", entre outros), Nelson Rodrigues escreve livre e criativamente, convidando o leitor para espiar pelo buraco da fechadura e enxergar o que está enevoadado pela censura da cultura e da organização pulsional: crônicas que são verdadeiros casos clínicos.

Entre inúmeras pérolas, Nelson Rodrigues cunhou a famosa expressão: "Perdoa-me por me traíres". Chico Buarque, em 1984, fez uma espécie de trocadilho em "Mil perdões", invertendo o título da peça de Nelson para dizer, cantando: "te perdoo por te trair". E são frases assim que mobilizam, ainda hoje, tantas e tantas pessoas a pensarem nos seus submundos, a metaforizarem e ampliarem sua capacidade de entender as formas de apresentação do inconsciente na vida cotidiana. Daí a importância de dialogar com a arte para afinar a escuta, para pensar os enganos e as incertezas, questões que constituem tanto a vida como o próprio ofício psicanalítico, autenticando a analogia entre Psicanálise e Literatura: em que ambas são capazes de criar sentidos, não de uma única verdade absoluta, mas de várias possibilidades, e ainda de comprovar a importância que a escrita (na sua elaboração secundária) assume nesses dois campos. Para entender a avidez da vida é preciso poder pensar na vida como ela é!

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, em 1916, mas desde pequeno morou no Rio de Janeiro. Além de escritor, também foi jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro. Sua vasta obra coloca-o entre os grandes nomes do teatro brasileiro e universal.

A vida como ela é..., Nelson Rodrigues.
Volumes I e II. Editora Nova Fronteira.

